

# A sabedoria e beleza do Império Inca: resgatando sua mitologia e imaginário

The wisdom and beauty of the Inca Empire: reviving its mythology and imaginary

## Melissa Andrade

Coordenadora da Rede de Humanização do Desenvolvimento e voluntária de Nova Acrópole, Associação Filosófica Internacional.

Pesquisadora de mitologia e culturas antigas.

Mestre em Política Social e Planejamento em Países em Desenvolvimento pela *London School of Economics* e especialista em Gestão Pública pela Fundação Getúlio Vargas.

## Kenia Ribeiro

Bacharel em Comunicação Social pela UNB. Repórter fotográfica.

Email: contato@kenia.art.br

**Resumo:** o artigo explora a mitologia da cultura inca e sua relação com outras culturas, visando trazê-la mais próximo de nossa realidade hoje. Explora a visão de mundo andina e sua relação com Inti, o deus Sol. A história dos Incas é de grande expansão, calcada numa administração efetiva e em sistemas de trabalho coletivo.

**Palavras-chave:** mitologia, história inca, culturas antigas.

**Abstract:** the article explores the mythology of the Inca culture and its relationship with other cultures, aiming to bring them closer to our reality today. It explores the Andean world view and its relationship with Inti, the Sun god. The history of the Incas is one of great expansion, rooted on effective management and systems of collective work.

**Keywords:** mythology, Inca history, ancient cultures.

Não roube. Não minta. Não seja preguiçoso. Estas eram as palavras que ecoavam por todo o império inca, sendo a base moral desta civilização de grandeza, luta e mística. Os incas não são um povo do passado, são uma cultura do presente. Não estão mais conosco, mas nos falam da experiência humana que pode e deve ser resgatada. Não se trata aqui de reproduzir vestimentas ou construções, mas de resgatar um espírito – de ordem, de luta e reverência aos mistérios do Sol, capaz de nos levar ao melhor de nós mesmos.

Para entender a espírito de uma povo é importante olhar para suas tradições, a começar pela sua mitologia, com a intenção de aprender com a experiência humana ao longo da história. O tempo nos ajuda a vê-los com um pouco mais de objetividade e extrair lições do que foi considerado o maior Império da América do Sul antes da chegada dos espanhóis. Resgatar sua história não é apenas um trabalho de estudo, mas ainda de empatia e solidarização com o ser humano que permanece o mesmo, apesar do tempo.

Lembremos que o mito era a base das antigas religiões e ainda o é hoje, pois

mesmo as grandes religiões contemporâneas possuíam como base, grandes mitos ou belas narrativas simbólicas. Até a primeira metade do Século XX, mitos eram considerados histórias inventadas para explicar o mundo dos povos primitivos. Com a contribuição de Helena Petrovna Blavatsky, o psicanalista Carl Jung e a independência de grandes nações colonizadas como a Índia; o conteúdo mítico dos povos antigos passou a ser analisado com menos preconceito. Foi a partir da combinação de diferentes chaves de interpretação, como a psicológica, filosófica e cosmológica, que se passou a reconhecer o valor e as várias camadas por trás de um símbolo que é a linguagem própria do mito.

As narrativas míticas possuem sempre distintas versões, pois estão enraizadas em uma tradição antiga e oral. É bem sabido ‘que quem conta uma história, inventa sempre um conto’. No caso da cultura Inca, há cinco figuras de especial destaque. Estas são Viracocha, Inti, Pachamama, Manco Capac e Mama Oclo.

Viracocha é considerado o criador de todas as coisas. Foi adorado pelos Incas, tendo criado Inti, o deus do Sol, Pachamama, a deusa da Terra e os homens. Viracocha cria o mundo, faz os homens gigantes, mas diante da maldade deles, manda um dilúvio e uma vez mais, recria os homens que compõe a atual raça. Os homens caem posteriormente numa grande desordem. Por isso, ele envia o casal Manco Capac e Mama Oclo para civilizar os povos divididos. O casal escolhe a capital do império que seria a cidade de Cuzco e de lá ensina os homens sobre o cultivo da terra, a tecelagem e as artes de maneira geral. O mito do dilúvio é recorrente em várias tradições tais como a mesopotâmica, a maia e a hindu que falam sobre a criação de raças sucessivas.

Viracocha significa literalmente espuma do mar, o que pode também estar associado a Vênus na mitologia grega ou *Vishnu* na tradição hindu (deus peixe). Viracocha, da mesma forma, pode ser associado ao Vaivasvata Manu hindu, responsável pela criação da mente humana. Viracocha é como se fosse o guardião, o pai da experiência humana atual. Normalmente a criação na mitologia não fala do absoluto, mas refere-se ao início de uma ‘era’, um momento na história da humanidade, considerando que o mito pode ser visto de forma simbólica, mas também histórica. Tróia era considerada apenas um mito até o início do século XX, quando Schliemann, a descobriu. Curiosamente, Viracocha era descrito como sendo branco e com barba, o que levou os incas a acreditarem que os espanhóis eram seres especiais.

No caso de Inti, sua simbologia é universal e muito profunda, pois os povos antigos em sua maioria, possuíam um culto solar. Pode-se ver este culto como um fenômeno social, em função da centralidade que o sol ocupa no cotidiano do ser humano, fornecendo calor e vida. No entanto, pode-se ver Inti com uma perspectiva filosófica. Platão dizia que este mundo cotidiano era apenas reflexo de um mundo real, superior. Os hindus corroboravam esta idéia dizendo que nosso mundo está coberto por *Maya*, a deusa da ilusão. Os egípcios possuíam dois nomes para descrever o sol: *Amon*, o seu espírito e *Aton*, a sua forma. Dessa maneira, pode-se analisar o sol sob dois pontos de vista: o da sua forma e o da sua essência. Esta essência do sol também é conhecida na filosofia natural como ‘logos solar’.

O homem solar é a expressão do homem sábio, aquele que realizou a natureza espiritual dentro de si (Loma, 2009). Ser filho do Sol significa descobrir o ouro dentro do seu próprio coração. A lua é a mãe, nos fala sobre a matéria que abriga a vida. É símbolo da personalidade. Um ser humano completo é aquele que torna sua personalidade receptiva, obediente para ser comandada pelo Sol, ou pelo deus que habita dentro de si.

Existe um princípio da analogia no raciocínio filosófico – isto significa que haveria uma correspondência entre o sistema solar e o ser humano. O Sol neste caso, figuraria como o coração do sistema – aquele que dá a vida, assim como o nosso coração o faz com o nosso corpo.

Os hindus falam que *Atma* ou a consciência superior do homem estaria presente no coração. O culto ao Sol, neste caso, faz referência ao culto simbólico àquilo que

existe de mais essencial por trás de todas as coisas e que residiria no coração. A ofrenda do coração na cultura asteca pode também ser associada a isso (ainda que de forma distorcida), da mesma forma que na mitologia egípcia pesa-se o coração do homem e no ideograma chinês, *jen* – a moral ou virtude é entendida como o reto caminhar do homem em relação ao próprio coração.

A nobreza inca era adornada com ouro e usava brincos de ouro especialmente na presença do supremo governante. O ouro é um símbolo do sol. É nobre porque não se oxida, não muda suas propriedades apesar do contato com outros elementos. Da mesma forma é o sol que permanece constante. Por isso, o sol está sempre associado a um elemento espiritual. A cerimônia, ao estilizar o comportamento humano, evoca um estado de consciência, em que a atenção a elementos internos torna-se central. O objetivo das cerimônias é gerar um estado propício de consciência onde o ser humano possa entrar em contato com elementos superiores dentro de si mesmo. Por isso, mais do que simples tradições, as cerimônias em suas origens estão impregnadas de conhecimento e ciência, próprios para despertar a consciência humana. A presença dos metais preciosos tem esta finalidade – de promover uma relação entre o ouro fora e dentro do homem, por um princípio conhecido da música – a lei da ressonância. A beleza fora ajuda a evocar a beleza dentro.

Pachamama, a mão do mundo, refere-se à *Anima Mundi* dos gregos, a *Prakriti* dos hindus, a matriz do mundo ou matéria primordial (BLAVATSKY, 1973). Pachamama é a consorte de Inti, o deus do Sol. É o espírito representado por Inti, que fecunda a matéria, Pachamama, gerando assim a vida. Pachamama está associada também à Terra, por sua natureza receptiva, acolhedora e nutridora da semente. Aquele que sabe lidar bem com a terra, tem grandes frutos. Quem entende seus segredos, descobre o mistério da Cornucópia, que na mitologia grega era um chifre que estava sempre repleto e abundante. Sua riqueza nunca acabava. A Cornucópia na mitologia grega está associada ao signo de Capricórnio, à cabra, que alimentou Zeus, cujo nome foi dado a uma constelação. Capricórnio é um signo da terra. Os incas possuíam forte relação com Pachamama, o que pode ser visto também em Tihuanaco na Bolívia, povo mais antigo que os incas, mas que posteriormente foram dominados por eles. A presença de *Anima Mundi* é universal na mitologia e na religião, mudando apenas de nome de acordo com as várias culturas: Gaia, Virgem Maria, Ísis etc.

Já no caso de Manco Capac e Mama Oclo, o casal civilizador também é recorrente na mitologia. No caso da mitologia egípcia, seus paralelos são Ísis e Osíris. Eles fazem referência à presença de grandes seres humanos civilizadores que teriam ajudado a trazer civilidade para um determinado povo. Podem ser vistos como grandes mestres, fundadores da cultura, possivelmente vindo de povos anteriores. Nenhuma cultura nasce do nada, sem antecedente ou passado. Desenvolve-se sempre a partir do conhecimento que já existia, da união de várias culturas, em que o que era superior tende a se perpetuar, como é o caso da própria cultura romana, nascida no berço da cultura grega. Rômulo e Remo fundam Roma, mas sua própria história colocada da Eneida, é inspirada na Odisséia, de Homero.

A mitologia inca, longe de ser infantil, tem paralelos com outras mitologias e revelam que na origem de grandes civilizações está o pensamento simbólico e profundo, mas pouco compreendido pelo povo de maneira geral, ficando seus segredos restritos às mãos de poucos sacerdotes e membros da nobreza.

Tendo entendido alguns elementos da mitologia Inca, cumpre resgatar um pouco mais da sua cultura. Os Incas construíram um império chamado Tawantinsuyo ou Terra dos Quatro Cantos, representando as quatro direções. Acreditavam na existência de três mundos: o mundo celeste, simbolizado pelo Condor; o mundo intermediário, simbolizado pelo Puma e o mundo inferior, simbolizado pela Serpente. Essa cosmovisão encontra paralelo na visão chinesa dos três mundos ou três centros de força e na imagem da Árvore da Vida, onde existe um mundo inferior, um intermediário e outro superior. O mundo superior está associado ao plano ideal humano, suas mais

elevadas inspirações, o mundo intermediário é o mundo cotidiano, comum, o mundo da força e da vitalidade; enquanto o mundo subterrâneo está tanto associado aos instintos quanto ao mesmo tempo à morte e aos mistérios da vida.

Os persas possuíam cultos subterrâneos ao deus Mitra, os gregos tinham seus cultos de Elêusis e nele celebravam a descida de Deméter ao submundo para resgatar sua filha Perséfone. Ulisses, na Odisséia, desce também ao submundo para fazer sacrifícios e encontrar novamente o caminho de casa. A descida ao submundo representa a morte – passo necessário para o nascimento de uma nova consciência. Os incas pareciam entender isso, a julgar pelos seus templos com altares subterrâneos. Os egípcios, da mesma maneira, possuíam cerimônias onde o discípulo passava por um estado de catalepsia e depois voltava de maneira renovada. Em muitas culturas, o ser humano passa por várias mortes em vida para depois ressurgir como um fênix resplandecente.

Como muitos povos antigos, a exemplo dos japoneses, que acreditavam ter um *kami* por trás de tudo, ou os hindus, que diziam que *Krishna* move tudo o que existe, os Incas também acreditavam na sacralidade do mundo. Os rios eram sagrados, as montanhas eram sagradas, assim como o sol, a terra e todas as coisas. Chamavam a sua Via Láctea de *Mayu* ou rio celestial e realizavam todos os anos um rito solar no Solstício de Inverno.

Os incas celebravam todo ano o Inti Raymi, uma cerimônia no solstício de inverno, em que o dirigente máximo se ajoelhava para receber os primeiros raios do Sol. Essa cerimônia, também representada em outras culturas, marca o surgimento da luz depois da noite mais longa do ano. Simbolicamente, representa o nascimento de uma nova consciência, após um momento de conflito e escuridão.

A sabedoria dos incas ainda ecoa entre nós. As culturas nascem, florescem e morrem, mas permanece a necessidade humana de sentido e realização. Inti e Viracocha continuam vivos, só que agora, com novos nomes. É preciso vivê-los de forma consciente. Ao reverenciar o sol dentro de nós, o ser humano faz mais uma vez, uma ponte com os mistérios da vida e da natureza. Dessa forma, os incas, ao invés de uma cultura distante, tornam-se nossos companheiros hoje lembrados, na sua busca pela sabedoria.

### **BOX - A história de uma grande nação**

A história oficial conta que o império Inca se desenvolveu entre o século XI e XVI d.C. Há teorias de que esta história teria sido muito mais antiga em função das diferenças arquitetônicas e da grandeza do Império que teria se desenvolvido em um espaço de tempo relativamente curto. O império Inca no seu auge chegou desde o extremo Oeste da Colômbia ao Chile, percorrendo toda a costa e possuindo como centro, a cidade de Cuzco, no Peru. Esta região abrigou muitos povos distintos que foram incorporados posteriormente ao Império, tanto pelo poder das armas - os Incas eram grandes guerreiros - quanto pelo poder da negociação, pois submeter-se ao Império trazia vantagens econômicas e políticas.

Os incas respeitavam profundamente o seu Inca, ou dirigente. Inca era o título dado ao rei, figura política e ao mesmo tempo sacerdotal, representante do Sol na terra, a exemplo dos egípcios e a figura do faraó. O Inca tinha poderes absolutos e uma classe de nobres que o assessorava. A passagem de poder era hereditária.

A vida dos incas era muito comunitária, produziam em um sistema de cooperativas e era isso o que dava prosperidade do império, pois os laços sociais eram muito fortes. Além disso, os incas deviam dedicar 2/3 de seu tempo produzindo para o estado – trabalhando em obras públicas. Foi este trabalho coletivo que permitiu a grande prosperidade do império. Quando os espanhóis conheceram os Incas, ficaram extremamente impressionados com sua riqueza e também com sua honestidade. Como o império era próspero, não havia roubo e violência e quando havia, os crimes eram punidos com grande severidade. O grande estadista responsável pela expansão do império Inca foi Pachacutec, até hoje reverenciado no Peru. Pachacutec constrói grandes obras hidráulicas e estradas por todo o país.

Quando os espanhóis conheceram os Incas, ficaram extremamente impressionados com sua riqueza e também com sua honestidade. Como o que haveria túneis interligando várias partes do império.

Contam as lendas que Francisco Pizarro, conquistador espanhol, ao conquistar os Incas (chegando em 1532), aprisionou Atahualpa e quis trocá-lo por uma sala cheia de tesouros. Sua esposa, encheu a sala de riquezas – ouro e pedras preciosas. Pizarro teria ficado muito impressionado com tanta riqueza, por isso, não entregou o Inca e pediu a sua esposa que lhe dissesse onde ficavam as riquezas e que só assim o libertaria. A rainha, aflita, teria pedido conselho aos sacerdotes e aos oráculos e diante da afirmativa que seu marido não seria liberto, apesar do pagamento do resgate, foi aconselhada pelos sacerdotes a fechar o caminho para o tesouro que ficava em longos túneis fechados, os quais comunicavam todo o reino. Muito tempo depois, estes corredores ainda eram procurados, mas nunca foram encontrados. Qualquer trabalho neste sentido necessitaria de grandes aportes de recurso. Existem ainda especulações de que haveria túneis interligando várias partes do império.



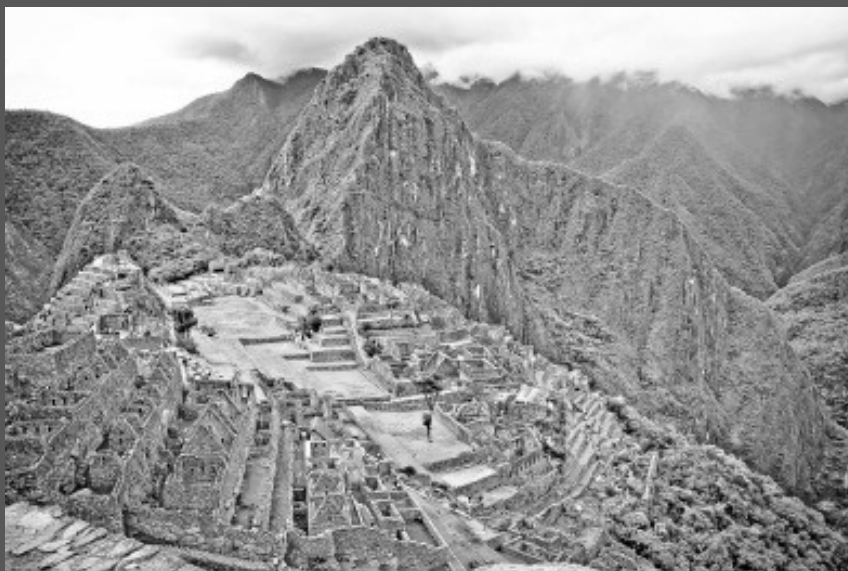
**FOTO 1:** Cuzco como capital do império abrigava Coricancha, a "acrópole inca". Coricancha possuía vários templos dedicados ao Sol, Inti, e à Lua, Pachamama. Toda sua estrutura é construída em uma forma parecida com a de um piano, provavelmente para fazer com que a experiência que ali se passasse pudesse ecoar por todo o império.



**FOTO 2:** Coricancha abrigava muitos monumentos com sentido mágico. Os cristãos construíram a igreja de São Domingos sobre Coricancha e hoje o lugar é apenas um sítio arqueológico.



**FOTO 3:** Machu Pichu é hoje um dos sítios arqueológicos mais visitados do mundo por ter ficado escondido dos espanhóis, em função da sua localização remota no meio das montanhas. A cidade, mesmo na época dos espanhóis, foi abandonada. Machu Pichu foi descoberta apenas em 1911, pelo professor Hiram Bingham.



**FOTO 4:** A capacidade de construção de Machu Pichu impressiona, pois todo o trabalho de esculpir em pedra foi feita no meio das montanhas, em uma altitude considerável.

**FOTO 5:** O que motivou os incas a deixarem a cidade e para onde foram, permanece uma incógnita. Antes de saírem, os incas queimaram tudo o que possuíam, para não deixar rastros de sua história. Há quem diga que ao fazer isso, estavam escondendo o que tinham de mais precioso: o seu conhecimento (Colpaerth, 2009). Era esta a maior riqueza inca, os segredos que levavam o homem a conhecer sua natureza de filho do Sol.





**FOTO 6:** A vida em Machu Picchu é reconstruída a partir de suposições baseadas em estudos arqueológicos e antropológicos. Não se pode afirmar muito, com segurança. Machu Picchu possuía um sistema de canalização de água avançado e parecia ser uma cidade com sentido religioso.



**FOTO 7:** A existência de alguns detalhes não se explica muito bem, como por exemplo, uma esfera no chão que dizem ser um espelho astronômico. No entanto, há relatos de estruturas parecidas para ritos mágicos. A sua finalidade de fato, talvez nunca se chegue a descobrir.



**FOTO 8:** Altar cerimonial provavelmente relacionado a ritos do mundo subterrâneo. Estes ritos estiveram presentes em várias culturas (grega, persa), simbolizando a descida da consciência no mundo inferior e posterior libertação. A morte é sempre símbolo do fim de um ciclo (um nível de consciência) e nascimento de outro.



**FOTO 9:** O Condor está associado ao Hanaq Pacha ou ao mundo celeste complementar ao Kay Pacha (mundo terrestre) e Ukhu Pacha (o mundo subterrâneo).



**FOTO 10/11:** As habilidades construtoras dos Incas eram primorosas. Lidavam com pedras gigantescas e pesadas e as uniam de forma perfeita. A exemplo dos egípcios, até hoje não se sabe como se realizou tamanha façanha. As pedras não poderiam ser cortadas por nenhum metal disponível naquela região. Por isso, especula-se que os incas dominavam uma tecnologia desconhecida hoje. Há quem diga que conheciam plantas capazes de amolecer as pedras e que assim, eles as esculpam. Há também outras teorias que estabelecem uma relação entre lendas como a dos gigantes às construções Incas, pois tais construções eram realmente muito grandes.





**FOTO 12:** Os Incas, por viverem em regiões montanhosas, plantavam em terraços. Cultivavam especialmente o milho, a batata e o feijão, entre outros tubérculos e grãos.. A imagem é de um espaço de cultivo em Machu Pichu.

**FOTO 13:** Imagem de Pachacutec na Cidade de Cuzco, o maior estadista inca, responsável pelo seu período de grande expansão.

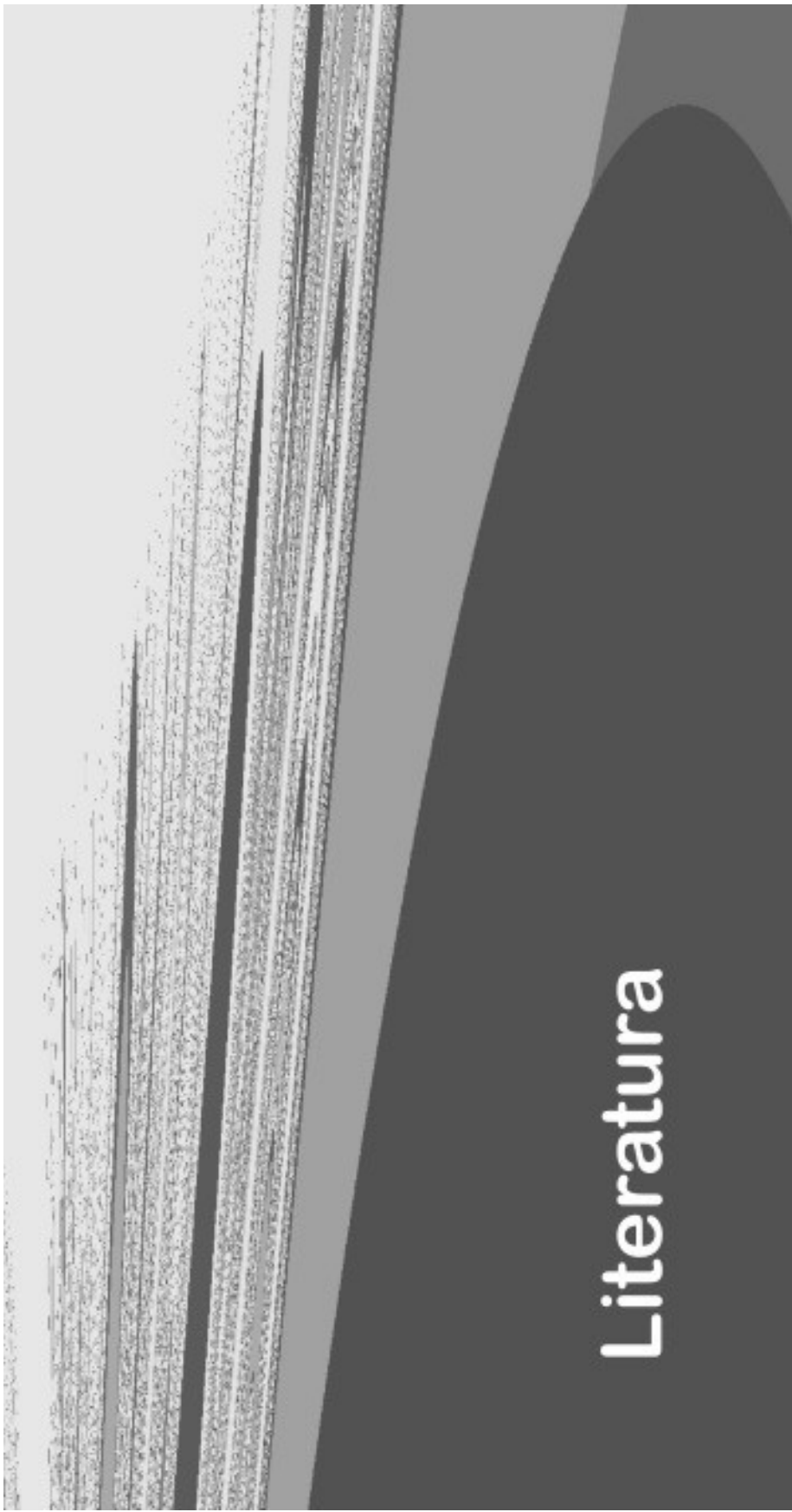


### Referências

- BLAVATSKY, H.P. *Doutrina secreta*. São Paulo: Pensamento, 1973. v. 1, 2.
- COLPAERTH, Carlos. *The story of the Inkan Empire*. Nova Acrópole: Cuzco, 2009.
- LOMA, Guillermo. *El Mensaje del Sol: Eslabón de los Andes*. Cochabamba: Grupo Editorial Kipus, 2009.

Texto recebido e aprovado em abril de 2011.

Text received and approved in April 2011.



**Literatura**